

DIAS CURTOS

Sílvia tinha um pequeno sinal de nascença na maçã esquerda do rosto. Uma coisa à toa, quase imperceptível, mas que a obrigava a encarar-se no espelho toda manhã. Poderia crescer-lhe a pinta e se espalhar pela face toda, como nas mulheres do circo, tornando-a, em alguns meses, num animal irreconhecível. Conhecia casos assim. Lera sobre isso, desde que a beleza se tornara um item indispensável para a sua relação com o mundo. Antes, não. Quando menina, sequer se dava conta daquilo. Nem imaginava que tinha algo fora do normal. Nascera assim, e assim crescera, amada e odiada no meio dos seus. Agora, aí pelos seus quinze anos, numa manhã como as outras, alguns poucos pelos finos surgiram na borda esquerda da mancha: o canto que ficava mais perto da orelha, onde gostava de exibir o brinco de estimação. Nesse mesmo momento, passou a perceber que tinha as orelhas um pouco abanadas também.

Seus dias foram, a partir de então, um longo exercício de se esconder do mundo à sua volta, desejando que a hora da descoberta de seus dois aleijões nunca chegasse. Passou a usar uma série de expediente para tal. O primeiro deles, foi ficar na cama o maior tempo possível. Como já ia mesmo mal na maioria das matérias da escola --- Sílvia sempre fora um péssima aluna --- conseguiu convencer a mãe de que estudar, para um pessoa sem atributos intelectuais como ela, era uma perda de tempo. Cresceria mais um pouco e logo arrumaria um emprego, que não exigisse muita formação, como por exemplo, arrumadora de prateleiras de supermercado, coisa que admirava sempre que ia com a mãe fazer compras. Poderia ajudar na despesa da casa e, quem sabe, até com o tempo e um pouco de sorte na relação com os patrões, comprar a cesta básica como algum desconto. A mãe, viúva de um militar de baixa patente, falecido quando Sílvia ainda estava no seu ventre, viu no projeto de vida da filha um possibilidade de futuro. E também de ter em casa os víveres básicos por um preço mais em conta. Mesmo com todo apoio da forças armadas, o custo de vida e os remédios comiam todo o seu montepio.

Cotidianamente, acordando cada vez mais tarde, Sílvia viu-se assediada pelas insistentes cobranças da mãe para que fosse cedo para a rua. Arrumasse logo o salvador emprego no supermercado. Um feito que traria alívio para a precária situação financeira da família. Sem acrescentar o fato de que, mesmo sem sair, Sílvia gostava de se vestir bem. Encomendava costumeiramente à mãe, além dos recheados bombons, essa ou aquela peça de roupa que vira nos encartes das revistas que a mãe trazia emprestada da banca de jornais, do outro lado da calçada. Logo alí em frente à sua porta, o italiano jornalista tinha simpatia pela vistosa viúva. Mas Sílvia, com a dieta calórica e a modorra entre as cobertas e diante da televisão sempre ligada até altas horas, começava a engordar a olhos vistos. Um dia, não tendo mais como se desviar das insistências da mãe, que alegava com razão que a filha não iria conseguir se abaixar para arrumar prateleira alguma, por mais alta que fosse, Sílvia comunicou-lhe que amanhã iria sair para ver um tal mercado que anunciava numa tal revista da semana passada, uma vaga para estoquista. A hora da entrevista era à noite.

Mesmo com a fresca da noite, não era o caso de sair de gorro, como a mãe lhe aconselhou. O gerente poderia achar que a menina dispunha de uma compleição orgânica frágil, e recusar-lhe o emprego. Mas não houve jeito. Em pleno verão, Sílvia envergou aquele gorro vermelho da marinha revolucionária russa, que comprara num bazar alguns meses atrás. E aquela maquiagem pesada --- também condenada pela mãe para uma jovem da idade dela --- escondia a pequena aberração em seu rosto. Sílvia saiu às sete e ponto, logo que a noite garantiu sua invisibilidade. Saiu para preencher a vaga de estoquista de supermercado. Sairia sem rumo.

Precisava ganhar tempo. Tinha que gastar ao menos hora e meia, para voltar para casa, contando o tempo que levaria para chegar ao mercado alí perto, a duração da entrevista, e a volta para casa. Perambulando pela praça mal iluminada perto de casa, viu um jovem sentado num banco. Ele usava um sombreiro mexicano, que lhe escondia o rosto. Sílvia sentiu-se atraída por ele e sentou-se ao seu lado. Sem saber se o rapaz fumava ou não, pediu-lhe um cigarro.